

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

RESUMO

O texto baseado na pesquisa em andamento demonstra a construção de um trabalho que objetiva analisar as Teses e Dissertações da área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil que investiguem a temática LGBTQIA+ em Museus, Exposições e Patrimônios, entre os anos de 2015 e 2024 a partir de uma revisão integrativa. A pesquisa possui um caráter quantitativo e exploratório, na qual efetiva-se uma revisão de literatura sobre Políticas Públicas de Informação, Estudos de Gêneros e Sexualidades e Museologia LGBTQIA+ no Brasil. A estrutura atual dispõe inicialmente de uma análise da configuração dos cursos de pós-graduação na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil, através da revisão de documentos da área, de legislações, dos textos institucionais e de trabalhos acadêmicos sobre o tema. A seguir, é demonstrada a inserção da temática LGBTQIA+ em pesquisa na área de Comunicação, Informação e Museologia no âmbito acadêmico nacional, com a análise de Grupos de Trabalho em seminários-chave, de publicações e da presença de grupos de pesquisa. Por fim, desenvolve-se a revisão integrativa da Teses e Dissertações da Área de Comunicação, Informação e Museologia dos cursos de pós-graduação do país relacionadas ao recorte proposto.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunicação; Ciência da Informação; Museologia; LGBTQIA+; Revisão Integrativa.

ABSTRACT

The text based on ongoing research demonstrates the construction of a work that aims to analyze the Thesis and Dissertations in the area of Communication, Information and Museology in Brazil that investigate the LGBTQIA+ theme in Museums, Exhibitions and Heritage, based on an integrative literature review. The research is quantitative and exploratory, in which the literature review is conducted on Public Information Policies,

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Gender and Sexuality Studies and LGBTQIA+ Museology in Brazil. The current structure initially analyzes the configuration of postgraduate courses in the field of Communication, Information and Museology in Brazil, by reviewing documents from the field, legislation, institutional texts and academic papers on the subject. This is followed by an analysis of the inclusion of the LGBTQIA+ theme in research in the area of Communication, Information and Museology within the national academic sphere, with an analysis of Working Groups in key seminars, publications and the presence of research groups. Finally, an integrative literature review of Theses and Dissertations in the area of Communication, Information and Museology from postgraduate courses in the country related to the proposed topic is developed.

KEYWORDS:

Communication; Information science; Museology; LGBTQIA+; Integrative Literature Review

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

1. Introdução

O texto a seguir, baseado na pesquisa de mestrado em andamento, demonstra a construção de um trabalho que tem como objetivo investigar as Teses e Dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil que discorram sobre a temática LGBTQIA+¹ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transgêneros/transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais) em Museus, Exposições e Patrimônios, a partir de uma revisão integrativa. Possui a estrutura semelhante a um projeto de pesquisa e não apresenta resultado, uma vez que ainda está sendo elaborado.

Baseando-se a partir da classificação do CNPq da Áreas do Conhecimento/Avaliação, organização essa que almeja ser “uma maneira ágil e funcional de sistematizar e prestar informações concernentes a projetos de pesquisa e recursos humanos aos órgãos gestores da área de ciência e tecnologia.”², a área de Comunicação, Informação e Museologia, anteriormente denominada Ciências Sociais Aplicadas 1³, está inserida na Grande Área “Ciências Sociais Aplicadas” e corresponde especificamente as áreas básicas: Museologia, Ciência da Informação e Comunicação, abrangendo programas de pós-graduação em Museologia, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação e Jornalismo.

De acordo com o Documento da Área (2019), ao serem elencadas as tendências, apreciações e orientações:

Considera-se que a comunicação e a informação são elementos de empoderamento do indivíduo e se abrem para as possibilidades de emancipação social. Entretanto, estes elementos, em geral, não estão acessíveis a **determinadas camadas sociais**, dificultando a reflexão e a crítica sobre fatos e situações vivenciadas na realidade. (p. 3, grifo próprio)

¹ Sigla utilizada pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, conforme consta no Decreto nº 11.341, de 1 de janeiro de 2023. Disponível em < <https://shre.ink/HFb3> >

² Definição disponível em: < <https://shre.ink/roBd> >

³ Documento da área 2017, disponível em: < <https://shre.ink/roBT> >

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

A partir da noção de falta de acessibilidade por parte da camada social compreendida por indivíduos que possuem identidades de gênero e orientações sexuais destoantes da norma estabelecida, é perceptível que há um esforço, em utilizar os conhecimentos singulares produzidos pelo corpo acadêmico na área destacada para atenuar entre outros aspetos, a violência simbólica e o silenciamento em relação as narrativas que são produzidas e contemplam subjetividades de identidades e sexualidades que fogem da heterocisnormatividade (Boita, Baptista, 2023).

Esse movimento pode ser traçado desde a abertura conceitual das Ciências Humanas em geral, a partir das efervescências sociais e culturais presentes no Ocidente principalmente na segunda metade do século XX. O feminismo nesta época entrou na denominada “segunda onda”, na qual “um dos lemas principais das feministas desse período consistia na frase: o privado é político” (Siqueira, 2015, p. 336) em que se reivindicava uma mudança nas estruturas patriarcais de organização familiar e social, abrindo questionamento sobre os papéis limitantes de gênero. Além do mais há um foco no direito ao próprio corpo, o que acarretou movimentos pela defesa do direito ao aborto (Garcia, 2015; Siqueira, 2015).

O reflexo desses movimentos na academia também pode ser traçado pelo movimento de maior concentração feminina nos espaços de pensamento “desde os anos setenta, as mulheres entravam maciçamente nas universidades e passavam a reivindicar seu lugar na História. Juntamente com elas, emergiam seus temas e problematizações, seu universo, suas inquietações, suas lógicas diferenciadas, seus olhares desconhecidos.” (Rago, 1998, p. 90)

Com esses ares de mudanças paradigmáticas⁴ e num contexto de repressão política e regimes autoritários em boa parte da América Latina, ocorre um dos eventos-chave na área de museus e Museologia, a Mesa Redonda de Santiago em 1972, caracterizado até hoje por sua “importância do acontecimento para os museus e para as diversas Museologias e a Sociomuseologia em particular na América Latina e em Portugal” (Chaves, 2024). Surgem

⁴ Partindo da leitura sobre paradigma que Rafael Capurro (2003) faz a partir de Thomas Kuhn, onde: “paradigma é um modelo que nos permite ver uma coisa em analogia a outra”, percebe-se nesse período o início das discussões sobre uma Nova Museologia em contraste com a Museologia Tradicional (Duarte, 2013)

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

assim alguns modelos capazes de compreender as características debatidas na teoria, visando a organização de práticas que possibilitem maior integração dos anseios sociais da época.

Modelos como os 'museus comunitários' (desde os neighbourhood museums americanos, como Anacostia, em Washington, até os chamados ecomuseus), trouxeram notável renovação no campo geral da Museologia, em particular quanto a suas responsabilidades sociais. Também serviram de escudo e foram utilizados na produção de algum efeito anestésico quando se simplificaram questões de suma complexidade e gravidade - como o que seria específico do museu, num quadro de ação cultural – para não falar da comunicação de massas e da indústria cultural. (Meneses, p. 11, 1994)

A Mesa conta com uma participação de intelectuais femininas de diferentes áreas e localidades (Chaves, 2024), apesar de que por muitas vezes são invisibilizadas. O evento é marcado pela caracterização do conceito de museu integral, bem como a compreensão da utilização das instituições de memória como instrumento de desenvolvimento social.

Atualmente, a atuação das profissionais da informação em geral começa a voltar-se para a "promoção da cultura, da leitura e de ações de competência em informação, bem como ligadas à operacionalização da valorização identitária da população LGBTQIA+ e à transformação dos espaços socioculturais." (Mata; Nascimento, 2021 p. 2). Essa condução com responsabilidade social e política visa contrapor a violência sistêmica e ainda presente contra indivíduos cuja sexualidade e/ou identidade de gênero fujam do padrão heterocisnormativo estabelecido.

Porém, mesmo em entendimentos teóricos que visam diálogo horizontalizado com as comunidades na qual mantinham relação direta, por muitas vezes às questões relativas as demandas do que se condicionou a ser identificado como movimento LGBTQIA+ são deixadas à margem. O caráter de impessoalidade e objetividade defendido por intelectuais de boa parte dos espectros acadêmicos por vezes sobrepuja a visão geral em torno de uma temática e acarreta com isso o apagamento histórico de narrativas, exemplo disso é o processo de “heterossexualização compulsória de objetos, histórias e memórias dos povos originários” (Baptista, 2021, p. 45-46).

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

A importância da constituição de marcadores diferenciais dentro da Museologia, além de demarcarem claramente a intencionalidade dos discursos produzidos por aqueles que os utilizam, permite também demonstrar como ainda se reflete na academia as fobias presentes na sociedade em geral. “A Museologia LGBTQIA+ demonstra que a sexualidade vigente nos museus brasileiros não somente nos exclui, mas também contribui para a violência LGBTfóbica estrutural brasileira.” (Baptista, et al., 2023, p. 7)

Na Ciência da Informação (CI) de forma geral, é possível identificar uma dimensão de preocupação social em suas inspirações desde antes da sua concepção como área do conhecimento, como nos estudos bibliográficos de Otlet e La Fontaine no final do século XIX. Rafael Capurro (2003) demonstra através de uma análise da construção histórica da área no decorrer de diferentes paradigmas, como a consideração da dimensão social se consolida na discussão, através do pensamento de Birger Hjørland e Hanne Albrechtsen e o conceito de *domain analysis*:

Uma consequência prática desse paradigma é o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação a que aspiram o paradigma físico e o cognitivo. Uma base de dados bibliográfica ou de textos completos tem caráter eminentemente polissêmico ou, como o poderíamos chamar também, polifônico. (Capurro, 2003)

A Ciência da Informação a partir desse paradigma social, ao considerar a polifonia dos discursos bem como “o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação” (Capurro, 2003), permite que diferentes comunidades possam modelar critérios de seleção na recuperação da informação. Sendo assim a disciplina consegue ser uma importante ferramenta para possibilitar que discursos historicamente silenciados provenientes de comunidades heterogêneas e marginalizadas, como a comunidade LGBTQIA+, possam emergir com maior destaque.

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Além dos mais, ao considerar “o trabalho informativo” como “um trabalho de contextualizar ou recontextualizar praticamente o conhecimento” (Capurro, 2003), cabe aos profissionais da informação o papel de mediar essa contextualização baseando-se em problemáticas sociais latentes.

A relação dos estudos referentes à comunidade LGBTQIA+ com a Ciência da Informação proporciona a aquisição de características singulares da área para a construção de teorias emancipatórias. “A Ciência da Informação assume uma ação preponderante à medida que problematiza questões inerentes à organização, disseminação, acesso e uso da informação.” (Silva; Côrtes; Oliveira, 2019, p. 71). Com isso a função social desempenhada pela CI, ao considerar subjetividades marginalizadas tanto como produtoras e consumidoras de informação, nega a potencial homogeneidade no que concerne os estudos de usuário e de práticas informacionais, a partir de uma concepção paradigmática alternativa que se inicia na década de 1990.

Este ponto de vista compreende essencialmente as relações histórico-culturais sob as quais os sujeitos acessam, utilizam, produzem informação e agem transformando sua situação social concreta. Diante destes aspectos, potencializa-se a/o usuária/o da informação concebida/o de forma contextualizada. (Silva; Côrtes; Oliveira, 2019, p. 78).

Este projeto, inserido na Ciência da Informação, intenciona relacionar o caráter social da área com sua função em realçar narrativas negligenciadas. A importância de se organizar conhecimento baseado na temática LGBTQIA+ está no fortalecimento da bibliografia além de conversar diretamente com anseios tão manifestados na produção acadêmica contemporânea, conforme será mais explorado na justificativa.

O problema de pesquisa escolhido para o desenvolvimento deste projeto justifica-se pela existência de poucos trabalhos, em comparação outras temáticas, sobre as repercussões dos discursos relacionados a identidades de gênero e orientações sexuais divergentes no âmbito acadêmico brasileiro. Essa baixa atuação sobre esse tema é percebida em pesquisa

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

anteriormente conduzida (Freitas, 2023), onde analiso um evento-chave da área, o Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), como será desenvolvido posteriormente. Com isso pretendo analisar as Teses e Dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil que investiguem a temática LGBTQIA+ em Museus, Exposições e na Museologia, a partir de uma revisão integrativa.

2. Justificativa

A escolha temática justifica-se diretamente por minha subjetividade, a partir da realidade de um homem gay cisgênero e bacharel em Museologia, na qual foi percebida as ressonâncias da LGBTfobia dentro dos discursos acadêmicos, principalmente referente a certa resistência em inserir essas narrativas diversas e no aprofundamento da discussão na universidade. Além disso, apesar da previsão legal dispor que a valorização da diversidade cultural e o respeito são princípios fundamentais dos espaços de memória, é ainda observado um apagamento histórico de memórias que fujam ao *status quo* heterocisnormativo, como a da comunidade LGBTQIA+ (Boita, 2020).

O recorte temporal se justifica pela presença do primeiro trabalho (2015) encontrado na base de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) até o ano de 2024. A investigação nesse período de quase uma década consegue assim ilustrar de qual forma os pesquisadores da área de avaliação selecionada (Comunicação, Informação e Museologia) vem pensando e trabalhando questões sobre museus, exposições e patrimônios LGBTQIA+.

Por dois anos seguidos fiz iniciação científica (PIBIC) na Universidade de Brasília, seguindo como temática central as discussões relacionadas a identidades de gênero e orientações sexuais na política de memória. No primeiro, intitulado “Revista Memória LGBT: Museologias dissidentes e memórias corporificadas” (Freitas, 2020), onde efetuei uma análise qualitativa de onze edições da Revista Memórias LGBT+4 (RMLGBT+) até aquele momento publicadas, um periódico digital de metodologia compartilhada, participativa e colaborativa,

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

criado por Tony Boita, apoiado pela Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social e disponibilizado em domínio digital próprio gratuitamente. Dentro dessa análise foi constatada a forma na qual os textos publicados ao longo das edições abordaram os conceitos de Museologias Dissidentes e Memórias Corporificadas.

A partir dessa primeira experiência e dado o contexto geral de início da pandemia de covid-19, ficou evidente a importância de publicações que seguem esse padrão informativo aberto e disponível, principalmente na abordagem da temática relacionada às identidades de gênero e orientações sexuais. A RMLGBT+ exibe uma potencialidade virtual no cumprimento do tripé fundamental da Museologia, a preservação, pesquisa e comunicação das informações, propiciando um protagonismo das memórias dissidentes da matriz cisheterossexual, algo que pode levar a sociedade alcançar maior justiça social.

No segundo trabalho de iniciação científica (2020/2021), de título “Museologias indisciplinadas e tendências de pesquisa: repercussões da temática LGBT no Seminário Brasileiro de Museologia” (Freitas, 2021) realizo uma análise quantitativa através de metodologia descritiva e exploratória dos Anais do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS). Um dos principais eventos da área de Informação do país, foi idealizado como “[...] espaço de construção solidária e dialógica da Museologia no cenário nacional. Tem como objetivo se afirmar como *lócus* privilegiado de discussões acadêmicas, contribuindo para a divulgação qualificada da produção científica dos professores e pesquisadores da área”.

O objetivo central foi demonstrar a repercussão do discurso LGBTQIA+ na pesquisa sobre Museologia no Brasil. Os resultados demonstraram que em comparação à totalidade de trabalhos apresentados nesse evento a ocupação da temática LGBTQIA+ ainda é bastante tímida (entre os anos de 2014 e 2019), apesar de apresentar crescimento na comparação com os anos iniciais. Os trabalhos apresentados no SEBRAMUS demonstram como é necessária a organização do pensamento acadêmico em redes, como a Rede LGBTQIA+ de Memória e

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Museologia Social, na qual seus membros se destacam numericamente na apresentação da temática.

Meu trabalho de conclusão do curso, intitulado “Rede LGBT de Memória e Museologia Social: Análise das repercussões no campo da Museologia no Brasil (2012-2022)” (Freitas, 2023) é a combinação das pesquisas anteriores, com foco principal nas repercussões da Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social. Efetuei uma revisão integrativa de todas as edições da RMLGBT, dos anais do SEBRAMUS e dos trabalhos de conclusão de curso em Museologia nas universidades federais do Brasil que discutem a temática LGBTQIA+. Os dados coletados e analisados nas duas pesquisas anteriores são atualizados e complementados e conclui-se que a Rede contribuiu diretamente com o desenvolvimento dessa temática no contexto acadêmico, sendo demonstrado através de tabelas e gráficos a evolução numérica desses trabalhos.

A escolha em investigar a produção da pós-graduação brasileira na área de avaliação Comunicação, Informação e Museologia, com foco em museus, exposições e patrimônios sobre questão LGBTQIA+, como objeto principal da pesquisa condiz com a necessidade de entender a capilaridade de um discurso voltado ao respeito à diversidade de gêneros e orientações sexuais dentro do contexto acadêmico contemporâneo. A pluralidade temática interseccional que esse tópico proporciona é um demonstrativo da forma com o qual o campo da Ciência da Informação tem sido impactado por essa integração de pautas sociais bem como a visibilidade dessas narrativas insurgentes.

O silenciamento seletivo de determinadas pautas, como as questões particulares da comunidade LGBTQIA+ não se limita apenas ao discurso acadêmico, tendo em vista que este reflete inúmeros preconceitos presentes na sociedade como um todo, mas também em elementos constituintes da construção de uma memória coletiva nacional, como por exemplo no discurso patrimonial oficial.

A ação prática e seletiva dos profissionais na eleição dos bens culturais para a composição do patrimônio cultural, transparece a lógica normativa e

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

colonizadora instituída por meio da dominação e desejo cis heteronormativo sobre as tentativas de negação das identidades das comunidades LGBT, por mais que as pautas da pluralidade cultural e de sua importância estejam presentes na Constituição Federal e alcancem o campo das políticas culturais. (Britto; Machado, 2020, p. 5-6)

Há ainda diversas dificuldades impostas neste campo, como o caráter heterogêneo das narrativas LGBTQIA+, justificado pela abrangência de subjetividades que convergem em virtude da negação à heterocisnormatividade, em que é marginalizada a cultura produzida por seus integrantes pela academia e sociedade em geral. Ao pesquisar essa temática pretende-se não apenas enriquecer o debate e a bibliografia, mas também demonstrar como a Ciência da Informação pode congrega uma infinidade de possibilidades em prol dos direitos humanos e das memórias dissidentes da matriz cisheterossexual.

O tema conduzido por essa pesquisa está em conformidade com diversas e atuais publicações importantes da área de Informação do país e do mundo, que vem expondo em algumas de suas edições artigos e outros trabalhos sobre a temática LGBTQIA+, pontuadas a seguir.

O dossiê "Corpos e Dissidências nos Museus e na Museologia" publicado nos Cadernos de Sociomuseologia (vol. 61, n.º 17, abr. 2021) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias organizado por Judite Primo, Jean Baptista e Tony Boita, apresenta oito diferentes textos que trabalham a temática LGBTQIA+ de forma interseccional e no qual em seu texto de apresentação convida a área a “reinventar o conceito de Museologia, redesenhando-o coletivamente, assumindo posturas políticas e teóricas comprometidas com a vida, com a sexualidade, com o gênero, com a raça, com a classe, com a decolonialidade e contra o Epistemicídio.” (Primo; Baptista; Boita, 2021, p. 2).

O dossiê “Museus e Museologia LGBT+”, organizado por Tony Boita, Jean Baptista, Thainá Castro e Inês Gouveia e publicado na revista Museologia & Interdisciplinaridade do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, em maio de 2022, retrata de forma pioneira no país a relação entre “Museologia, Memória, Patrimônio,

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

História e cultura relacionada à população dissidente da matriz branca, cis e heterossexual vigente em boa parte dos museus brasileiros.” (Boita, et al., 2022, p. 16) e apresenta quinze artigos de trinta autorias distintas, trabalhando a temática de forma interseccional.

E o dossiê "Memória, Museologia LGBTQIA+ e Museus Nacionais", organizado por Jean Baptista e Tony Boita, dividido em duas partes a primeira publicada no volume 57 dos Anais do Museu Histórico Nacional em 2023, em conjunto com mais outros dois dossiês. Pretende ser um “convite para se expor o que tem sido feito de excludente nos museus e na Museologia brasileira, mas, antes disso, propõe-se a demonstrar que se foi o tempo em que não havia pensamento LGBTQIA+ no campo. Dito de outro modo, pretende demonstrar que é possível decolonizar os museus e a Museologia a partir de uma perspectiva queer interseccional.” (Baptista; Boita, 2023, p. 3). Conta com cinco artigos de autorias diversas.

A segunda parte foi publicada em junho de 2024, no volume 58 dos Anais, onde os outros seis artigos de autorias e temáticas diversificadas tendo como as questões de identidades de gênero e orientações sexuais que divergem da matriz heterocisnormativa são abordados.

A atuação da Rede LGBTQIA+ de Memória e Museologia Social para a possibilitar a organização desses três dossiês foi de extrema importância. A Rede, criada no "5º Fórum Nacional de Museus em Petrópolis - Rio de Janeiro, 22 de novembro de 2012, em busca de reconhecimento e da salvaguarda da memória e luta da comunidade LGBT” (EDITORIAL, 2014, p. 38) intenciona justamente a geração de espaços de debate cuja temática LGBTQIA+ possa ser livremente trabalhada, demonstrando como este assunto é extremamente significativo dentro do espaço acadêmico e de memórias. É inclusive indicado diretamente no texto da apresentação do dossiê dos Anais do Museu Histórico Nacional, e como os três possuem um paralelo direto:

Vale apontar que a proposta deste dossiê nasceu da combinação de dois desejos: um primeiro manifestado em encontro promovido pelo Museu Histórico Nacional com profissionais de museus reunidos em uma escuta no ano de 2022; o segundo, a estratégia de integrantes de Rede LGBTQIA+ de

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Memória e Museologia Social em propor dossiês temáticos às principais revistas de Museologia do universo lusófono, como ocorrido já com os dossiês Corpos e Dissidências, no Cadernos de Sociomuseologia, e Museologia LGBTQ+, publicado pela revista Museologia e Interdisciplinaridade. (Baptista; Boita, 2023, p. 3)

Além disso o livro *Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação* (2019) organizado por Nathália Lima Romeiro, Carlos Wellington Martins e Bruno Almeida dos Santos, demonstram também que dentro da Ciência da Informação há um crescente interesse em se trabalhar as temáticas de identidades de gênero e orientações sexuais que divergem da cisheterossexualidade. Para os organizadores “é essencial refletir sobre a produção e disseminação do conhecimento dessas chamadas ‘minorias’ políticas e sociais, principalmente se pensarmos na construção e desenvolvimento da CI como uma ciência que também reflete a existência de grupos socialmente oprimidos.” (Apresentação, 2019, p. 10).

E mais atual a coletânea *Informação, estudos étnico-raciais, gênero e diversidades* (2023), produzida pelo Grupo de Trabalho 12 da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (Ancib), atualmente coordenado por Izabel França de Lima e Maria Aparecida Moura cuja ementa é:

Estudos teóricos e aplicados em informação sobre Raça, Classe, Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades. Teorias Críticas, Culturais, Racial, Feministas e Queer. Correntes teóricas, escolas de pensamento, bases metodológicas-conceituais e aplicações técnico- científicas dos estudos étnico-raciais, de gênero e de diversidade. Teorias, discursos, saberes, atividades científicas e profissionais em ambientes informacionais comunitários, populares e organizacionais. Relações sociais, de poder e resistências. Epistemicídio, violências e insurgências. Estudos Pós-Coloniais, Decoloniais e Anticoloniais. Estudos Críticos da Branquitude. Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero.

Apresenta uma revisão e ampliação dos trabalhos apresentados durante o XXII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (XXII ENANCIB) de 2022, trazendo 25 textos de uma grande diversidade de autorias e temáticas

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

trabalhadas. A organização em livro “representa um conjunto de reflexões profundas e interdisciplinares que exploram a interseção entre os campos da Ciência da Informação, Gênero, Estudos Étnico- Raciais e Diversidades.” (Lima; Moura, 2023, p. 15) e demonstra como é importante a conservação da temática LGBTQIA+ nas discussões sobre CI.

Este projeto congrega temas cuja importância em se discutir é de máxima urgência dado o contexto político e social do Brasil. A violência física e simbólica sofrida diariamente por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e afins precisam ser combatidas, um dos caminhos se dá com a pesquisa acadêmica, como forma de promover visibilidade na construção de uma Ciência da Informação comprometida com o respeito das identidades de gênero e orientações sexuais diversas.

3. Referencial teórico

Os principais conceitos trabalhados nessa pesquisa são os de sexualidade, interseccionalidade, museu, Patrimônios e Museologia LGBTQIA+. Abaixo pontuo brevemente os arranjos teóricos que serão explorados mais a fundo na escrita do trabalho, mais especificamente no capítulo de discussão teórica, além do mais os conceitos nortearão a construção analítica que faço posteriormente das fontes, através da revisão integrativa.

Como leitura básica para compreensão da construção teórica a respeito da temática LGBTQIA+, o primeiro volume da “História da Sexualidade: a vontade de saber” de Michel Foucault (1988) é essencial. O autor apresenta uma análise histórica e sociológica de como a sexualidade foi “cuidadosamente encerrada” no século XIX. Sexualidade para o autor é um sistema que pode ser historicizado a partir do discurso e do poder. Defende a hipótese de que os discursos dirigidos ao controle sexual da população europeia não se simplificaram apenas na repressão, ocorrendo assim uma sofisticação de inúmeros instrumentos que possibilitaram a adequação sexual da sociedade em um modelo determinado.

A partir do século XVII acontece, segundo o autor, a multiplicação dos discursos sobre a questão sexual, o que acarreta intensa produção de fontes de análise da mentalidade

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

do período. Esse movimento coincide com o desenvolvimento do capitalismo e da ascensão da classe burguesa. As dinâmicas de abertura e encerramento do debate sobre o sexo ao longo da história europeia ocidental permite, conforme demonstrado por Foucault, o entendimento abrangente de diferentes configurações sociais que são geradas posteriormente.

A concepção pioneira de Foucault (1988) sobre a categorização da sexualidade acarreta uma série de discursos posteriores que complementam e expandem suas teorias. Teresa de Lauretis (1994) propõe o entendimento de uma “tecnologia do gênero”, em negação a “tecnologia sexual” de Foucault, na qual atua na formação de identidades a partir do reforço através do discurso e de práticas para moldar sujeitos nas categorias binárias de feminino e masculino. Suas ideias se diferenciam por considerar gênero como categoria de análise, não somente a sexualidade conforme era defendido por Foucault. A autora pensa gênero como “tanto o produto como o processo de sua representação” (p. 212).

Judith Butler (2003) escreve “Problemas de Gênero” para defender uma desconstrução total da identidade, visando demonstrar como sua construção está atrelada à política. “Compreender a identidade como uma prática, e uma prática significativa, é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística” (p. 208). Além do papel da linguagem como mantenedora de símbolos e sinais que proporcionam a naturalização de um sistema opressivo, a identidade também, segundo a autora, não deve ser entendida como peça inerte e estável no tempo em que está inserida. Como complementação ao trabalho de Foucault, Butler afirma que “Em A história da sexualidade: Volume I, Foucault parece situar a busca da identidade no contexto das formas jurídicas de poder que se tornam plenamente articuladas com o advento das ciências sexuais, inclusive a psicanálise, no final do século XIX.” (p. 156).

Butler (2003) também se propõe a apresentar uma nova possibilidade na definição de conceitos naturalizados como sexo e gênero. Critica fortemente a universalização com que a discussão é tomada, sustentando que “o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” (Butler, 2003, p. 20). Essa pesquisa se baseia na concepção do gênero como uma performance, conforme elaborado pelo pensamento butleriano.

As contribuições de Paul Preciado (2017), com o conceito de contrassexualidade como forma ideal de “tecnologias de resistência” (p. 22) nas relações sexuais e de identidade de gênero, onde a “heterossexualidade [...] deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais” (p.26) contribuem diretamente para a construção e fortalecimento da chamada teoria queer, que leva em consideração trabalhos sobre as temáticas relativas as identidades de gênero e orientações sexuais que divergem da heterocisnormatividade.

A partir de um pensamento que rechaça naturalizações de comportamentos opressivos construídos historicamente no Ocidente, Tânia Navarro-Swain (2000) trabalha a ideia de uma heterossexualidade compulsória e como a identidade sexual lésbica se constrói com a negação a normatização sexual. Seu trabalho demonstra que dentro do próprio movimento de libertação das mulheres houve grande resistência no apoio de uma manifestação sexual divergente, forçando as lésbicas a se organizarem a margem da centralidade do feminismo. Com o pensamento contemporâneo de pluralidade do movimento, a aceitação das pautas específicas lésbicas conseguiu maior apoio, apesar de que a violência física e simbólica contra essa parcela da população, principalmente no Brasil se faz presente diariamente.

Pensar a pluralidade de identidades dentro de uma comunidade agregada a partir de orientações sexuais e identidades de gênero que contestam a norma vigente exige a consideração de um conceito importante para localizar a discussão, a interseccionalidade. Definida por Kimberlé Crenshaw (2002) como:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw, 2002, p. 177)

É uma ideia que surge a partir do pensamento de mulheres negras atuantes na luta feminista, com intuito de pontuar as diferentes opressões impostas a partir de uma análise que leve em consideração fatores como raça, classe, sexualidade e afins. Nas palavras de Carla Akotirene (2018):

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (Akotirene, 2018, p. 14)

O movimento LGBTQIA+ se constitui historicamente interseccional no sentido de que converge diferentes camadas de diversidades em gêneros e orientações sexuais. Além do mais, a construção de um movimento com reivindicações por tratamento igualitário coloca-se em sintonia com as lutas presentes em outros movimentos sociais, como o feminismo e o movimento negro. Conforme ilustrado por Lélia Gonzalez (2020):

Mas, apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo não ocorreu diante de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pela mulher: a de caráter racial. Aqui, se nos reportarmos ao feminismo norte-americano, a relação foi inversa; ele foi consequência de importantes contribuições do movimento negro: “A luta dos anos 1960 [...] sem a irmandade negra, não haveria irmandade das mulheres (sisterhood); sem Black Power, não haveria poder gay e orgulho gay”. A feminista Leslie Cagan afirma: “O fato de o movimento dos direitos civis ter quebrado os pressupostos sobre igualdade e liberdade na América abriu um espaço para questionarmos a realidade de nossa liberdade como mulheres”. (Gonzalez, 2020, p. 126)

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Porém ainda há continuidade de resquícios de diferentes fobias dentro dos arranjos sociais e políticos nos próprios movimentos sociais, conforme relato de Geanine Vargas Escobar (2021) sobre suas vivências:

Dentro do movimento LGBT, que era hegemonicamente branco, quando havia uma brecha para falar sobre racismo ou sobre a comunidade negra LGBT, culminava em um desconforto visível por integrantes brancos e como quase nunca havia mais pessoas negras, somente a minha voz não era o suficiente, e eu acabava sendo silenciada. O movimento LGBT+ invisibilizava o racismo que as lésbicas negras enfrentavam, além da questão da sexualidade, e o movimento negro ignorava a lesbofobia que as mulheres negras sofriam, refutando assim, debater mais um aspecto do sistema de opressão (Lorde, 2013, [1979]). (Escobar, 2021, p. 16)

Há inúmeros pontos de intersecção entre os discursos feministas e os LGBTQIA+ ao longo de sua construção histórica e epistemológica como movimentos sociais, vê-se necessário então para a integração de pautas distintas no fortalecimento da luta coletiva contra os apagamentos e as violências historicamente construídas e ainda tão presentes no contexto social brasileiro o reconhecimento das ideias defendidas por teóricas feministas na desconstrução de certezas baseadas em pressupostos biológicos. Por isso trago algumas de suas contribuições para área tendo em vista a própria interseccionalidade da Ciência da Informação.

O trabalho de Giuseppe Campuzano (2009) ao remontar a cultura pré-colombiana, que pretende demonstrar como as performances de gêneros que fogem da norma cisgênera eram praticadas no cotidiano de diferentes sociedades, contribui diretamente sobre a narrativa de etnocídio encabeçada pela cultura colonial europeia. Com isso possibilita um dos principais fios condutores teóricos dessa pesquisa ao considerar a realidade latino-americana como um todo e uma importante contribuição sobre a análise dos discursos marginalizantes a respeito da realidade sexual europeia e de suas colônias. Seu Museo Travesti transita entre os limites da instituição museal e sua principal forma de comunicação, a exposição, e a performance artística, uma vez que Campuzano incorpora seu material de pesquisa.

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

De acordo com a definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em Praga:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos". (ICOM, 2022)

A oficialização de características voltadas ao papel social que as instituições de memória possuem na preservação e comunicação cultural de uma ou várias comunidades que a cercam, demonstram como o discurso museológico atual se preocupa no cumprimento de sua função social, em fomentar as histórias socialmente marginalizadas, temática explorada nessa pesquisa.

Uma das novas possibilidades traçadas a partir das discussões do que se convencionou ser chamado de Nova Museologia, é conceituada por Hugues de Varine (2005) na introdução do conceito de Museologia Comunitária, responsável por construir em coletividade patrimônios que conversem diretamente com a realidade das comunidades que o cercam, principalmente as excluídas historicamente. "É o capital cultural coletivo da comunidade, ele é vivo, evolutivo, em permanente criação." (Varine, 2006), essa definição engloba os preceitos estabelecidos ainda em 1972 com a Mesa Redonda de Santiago, no Chile, como de museu integral e a função social deles no desenvolvimento da sociedade como um todo.

A importância desse marco para a museologia está na convergência de discussões teóricas das mais diversas áreas, como conceitos da pedagogia de Paulo Freire, adaptados para melhor traduzir a realidade museal. Constituem-se assim termos como "museologia da libertação", cujo ideal de educação como prática da liberdade:

utiliza o museu e a educação para fazer reconhecer, valorizar o seu patrimônio, potencializa nos membros da comunidade a autonomia e a iniciativa, prepara-os para uma participação dinâmica no desenvolvimento

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

de seu espaço de vida e em geral na vida pública, contemplando toda a comunidade com a reivindicação de novas políticas públicas que promovam a inclusão dos esbulhados em seus direitos culturais ou os humilhados pelo esquecimento ou pelo menosprezo de sua cultura viva. (Priosti; Varine, 2007, p. 62)

A Museologia Comunitária é feita com as pessoas e não com objetos (Varine, 2006), dessa forma os museus se constituem como um processo, não possuindo um fim em si mesmos, mas na discussão em torno de sua constituição, sempre executada de maneira horizontalizada e descentral. Essa trajetória incorporada nas concepções presentes na Nova Museologia diverge completamente do que ocorria na museologia tradicional.

Em complementariedade a Museologia Comunitária percebida por Varine, Teresa Morales Lersch e Cuauhtémoc Camarena Ocampo (2004) propõem, a partir de suas experiências em colaboração com diversas comunidades do Estado de Oaxaca, no sul do México, o entendimento de que:

o museu comunitário é uma ferramenta para a construção de sujeitos coletivos, enquanto as comunidades se apropriam dele para enriquecer as relações no seu interior, desenvolver a consciência da própria história, propiciar a reflexão e a crítica e organizar-se para a ação coletiva transformadora. (Lersch; Ocampo, 2004, p. 7)

A construção coletiva implica numa origem diferente da dos museus tradicionais, principalmente os europeus, que constituíram suas coleções através dos espólios de guerra e do processo colonial. Os autores demonstram que esse fazer museal é baseado na “iniciativa de um coletivo não para exibir a realidade do outro, mas para defender a própria. É uma instância onde os membros da comunidade livremente doam objetos patrimoniais e criam um espaço de memória.” (Lersch; Ocampo, 2004, p. 8)

Tendo essas definições ideias de um processo museológico aberto e coletivo, as discussões voltadas para realidades LGBTQIA+ continuam historicamente ignoradas, mesmo com a implementação de legislações e convenções próprias da área, não há uma tentativa efetiva de diminuir essa violência simbólica:

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Até mesmo iniciativas comunitárias em memória e museologia social, museus comunitários, ecomuseus ou outras tipologias que transgrediram os pilares da museologia convencional, ainda não questionam a violência e o direito à memória aos LGBT seja em seu edifício ou em seu território. (Baptista; Boita, 2017, p. 134)

Os processos museais e as instituições de memória são espaços ideais para esse tipo de discussão uma vez que possuem um potencial transformador para a diversidade (Baptista; Boita, 2017). A utilização do discurso museológico proveniente da Museologia Comunitária como forma de superação das fobias é ideal na construção de um discurso inclusivo em sua totalidade e não homogeneizante, dado que as particularidades culturais de subjetividades não normativas possuem suas próprias demandas.

Trabalhar a partir da visão de "memória subterrânea" (Baptista; Boita, 2017, p. 138), entendendo que a organização de uma memória coletiva ocorre através de um processo opressor e uniformizante, possibilita enxergar os limites que a discussão em torno da Museologia Comunitária pode acarretar. Apesar disso, o estabelecimento dessa forma de apagamento discursivo gera novas possibilidades na construção de uma Museologia que agregue valores referentes a orientações sexuais e identidades de gênero divergentes.

Além do mais, relacionado a construção de uma política de memória baseada na inclusão de narrativas socialmente marginalizadas, a Museologia LGBT surge como uma proposição de nova tipologia na área museológica, no intuito de ser aplicada a realidade social da América Latina (Baptista; Boita; Wichers, 2020), baseia-se no “[...] conjunto de concepções e práticas conduzidas por pessoas que pertencem às camadas da classe trabalhadora que divergem da matriz heterossexual” (Baptista; Boita; Wichers, 2021, p. 191). A utilização da sigla simplificada não deslegitima, segundo apontado pelos autores, a mutabilidade e capacidade de reorientação conceitual da comunidade. Sua funcionalidade persiste na agregação pelas políticas públicas nacionais relacionadas a memória coletiva e individual da comunidade.

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

O entendimento de uma Museologia LGBT, segundo os pesquisadores, baseia-se em sete características: a produção partir do interior de comunidades que estão inseridas nesse escopo maior por possuírem identidades de gênero e orientações sexuais divergentes da matriz heterocisnormativa; o pertencimento direto da produção em oposição a de personagens externos e alheios a subjetividade dessa comunidade; vinculação com as políticas públicas; o protagonismo corpos não-brancos; congregação de fazeres e conhecimentos de históricos aliados na luta pela emancipação de direitos, como as militâncias feministas, de classe e o movimento negro/indígena; o diálogo com a Sociomuseologia e Museologia Social engajada por um pensamento desconstruído e multicultural; a superação da desigualdade de oportunidades e tratamento a partir de uma multiplicidade de realidades (Baptista; Boita; Wichers, 2020, p. 5-6).

Além do mais, como forma de visibilizar bens culturais materiais e imateriais próprios dessa comunidade, o conceito de Patrimônio LGBTQIA+ (Wichers; Boita, 2020) é utilizado para “ênfatisar tombamentos, registros e manifestações socioculturais produzidos ou relacionados a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero, bem como para questionar a heterocisnormatividade que marca os bens patrimoniais.” (p. 151). Há em território nacional alguns poucos bens materiais e imateriais patrimonializados, como: o Cabaret Casa Nova (RJ); o Cine Ideal (RJ); o concurso Miss Gay Brasil (MG); e a festa das Filhas de Chiquita (PA). Como pontuado anteriormente no texto (Britto; Machado, 2020; Barros; Silva, 2019), os preconceitos nos procedimentos e análises de processos dos órgãos responsáveis pelo tombamento de bens é ainda um grande empecilho para proliferação de mais patrimônios LGBTQIA+ no Brasil.

4. Metodologia

A pesquisa possui um caráter quantitativo e exploratório (Gil, 2008; Bernardo; Rocha, 2011). Assim, será efetivada uma revisão de literatura sobre Políticas Públicas de Informação, Museologia e Museologia LGBTQIA+ no Brasil. Exploratória “como principal finalidade

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (Gil, 2008, p. 27). Além disso, esse tipo de pesquisa é ideal “quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (Idem), condizente com a temática proposta neste trabalho.

A pesquisa sobre as teses e dissertações da pós-graduação na área de Comunicação, Informação e Museologia cuja temática LGBTQIA+ sobre Museus, Exposições e Patrimônios é abordada foi efetuada nos bancos de dados institucionais das universidades que possuem esses níveis e departamentos de ensino. Além do mais foi consultado também o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), os dados contidos na Plataforma Sucupira, pesquisa com palavras-chave na Plataforma Lattes e na base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil.

Os descritores utilizados para busca em base de dados refletem o caráter diverso da pesquisa sobre essa problemática específica, dado a mutabilidade da sigla ao longo dos anos é necessário utilizar: LBGTQIA+; LGBT; Gay; Lésbica; Bissexual; Transsexual; Transgênero; Travesti; Queer; Intersexual; Assexual; Diversidade; Sexualidade.

De acordo com dados da Plataforma Sucupira, a área de Comunicação, Informação e Museologia, no ano de 2023 (dados mais recentes disponíveis) possui um total de 90 programas ativos com 136 cursos, espalhados por todo país. Ademais, totalizaram-se neste ano 28.044 produções no geral, efetuadas por 1.639 docentes e 7.103 discentes. O gráfico (Figura 1) reproduzido abaixo em formato de imagem, é disponibilizado de forma aberta na Plataforma Sucupira, ilustra esses dados além de organizar de forma mais completa por região.

A partir de uma busca prévia, segundo consta no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, há durante a escrita deste projeto, 14.348 trabalhos na área de avaliação Comunicação e Informação, entre os anos de 2013 e 2023, no qual em relação ao grau acadêmico, 9665 são de mestrado, 1.124 de mestrado profissional e 3.559 de doutorado. Por

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

área do conhecimento, organizando de forma decrescente do com maior volume para o menor volume: Comunicação (9858); Ciência da Informação (3512); Museologia (437); Biblioteconomia (278); Comunicação Visual (148); Jornalismo e Editoração (81); Arquivologia (34).

Figura 1: Programas/Cursos



Fonte: Plataforma Sucupira.

Os dados coletados foram sintetizados através da revisão integrativa, aqui empregada no sentido de “método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática” (Carvalho; Silva; Souza, 2010, p. 102). Este tipo metodológico é amplo, o que permite “a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado” (Carvalho; Silva; Souza, 2010, p.103).

"O termo “integrativa” tem origem na integração de opiniões, conceitos ou ideias provenientes das pesquisas utilizadas no método" (Botelho; Cunha; Macedo, 2011, p. 127). A partir dessa metodologia é feita uma análise sobre o conhecimento construído em pesquisas anteriores sobre um tema específico. "Uma revisão integrativa pode ser usada quando se quer

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

realizar uma síntese e análise do conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado" (Rocha; Pinto; David, 2020, p. 52).

É necessário extremo cuidado para realização dessa tipologia de revisão. Dado suas diversas etapas, a atenção que o pesquisador deve ter em concluir de forma exata cada uma delas é essencial. Pela sua aplicabilidade direta à prática e à política, o uso dessa metodologia para discorrer sobre a temática LGBTQIA+ no contexto da área de Comunicação, Informação e Museologia se faz bastante útil. "O impacto da utilização da revisão integrativa se dá não somente pelo desenvolvimento de políticas, protocolos e procedimentos, mas também no pensamento crítico que a prática diária necessita" (Carvalho; Silva; Souza, 2010, p.104).

A revisão integrativa ocorre através da elaboração de seis etapas distintas (Carvalho; Silva; Souza, 2010; Botelho; Cunha; Macedo, 2011), sendo elas: 1a fase: elaboração da pergunta norteadora, é a definição de um problema claro e específico com base no raciocínio teórico e as vivências do próprio pesquisador; 2a fase: busca ou amostragem na literatura, ampla e diversificada, discute todos critérios de inclusão e exclusão das informações conforme a necessidade da pesquisa; 3a fase: coleta de dados, com a leitura criteriosa dos títulos, resumos e palavras-chave, ou até mesmo dos artigos completos, para verificar sua inclusão nos critérios estabelecidos dentro do estudo; 4a fase: análise crítica dos estudos incluídos, é necessária a utilização de um instrumento para extrair as informações dos artigos selecionados, como a matriz de síntese e a criação de categorias analíticas; 5a fase: discussão dos resultados, interpretação e síntese dos resultados, encontrando lacunas a serem elaboradas sobre o assunto pesquisado em pesquisas futuras; 6a fase: apresentação da revisão integrativa, deve ser clara e objetiva para proporcionar a replicação dos resultados, é a elaboração do documento que descreve todas as fases percorridas e apresenta os principais resultados obtidos.

Além de se apresentar como uma metodologia ampla, a Revisão Integrativa, assim como a própria CI, se caracteriza por sua interdisciplinaridade (Buckland, 2012) podendo servir como ferramenta de análise para as mais diversas áreas do conhecimento. "Este método

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

favorece a inclusão de pesquisas de abordagens qualitativas e quantitativas, bem como a combinação de dados de literatura teórica e empírica, o que proporciona uma compreensão mais ampla do tema de interesse.” (Silva; Fernandes, 2023, p. 5). Tendo em vista essas características, bem como a minha familiaridade com a metodologia (Freitas, 2023) percebo que a Revisão Integrativa conseguirá de forma eficiente demonstrar como a área de Comunicação, Informação e Museologia vem trabalhando a temática LGBTQIA+ sobre Museus, Exposições e Patrimônios no Brasil.

Através de pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações⁵ da CAPES, filtrando os trabalhos da área de avaliação Comunicação, Informação e Museologia, utilizando os termos anteriormente pontuados, os seguintes resultados foram obtidos: 52 resultados para LGBT; 27 para LGBTQIA+; 14 para lésbica; 19 resultados para o termo gay; 1 para bissexual; 15 para transexual; 20 para transgênero; 22 para travesti; 75 para queer; 1 para intersexual; 0 para assexual; 121 para o termo mais geral diversidade; e 110 para sexualidade.

Esta sondagem preliminar ajuda a justificar a escolha dos recortes, bem como estabelece o corpo documental a ser posteriormente trabalhado. Tendo em vista posterior análise mais rigorosa em relação aos critérios dos recortes estabelecidos, poderá haver variação das teses e dissertações incluídas na revisão integrativa.

5. Conclusão

Conforme destacado no início do texto, se trata de uma pesquisa em desenvolvimento, por hora não é possível demonstrar os dados adquiridos através da metodologia apresentada. Acredito que a importância de demonstrar a construção do pensamento e do decorrer de uma dissertação se dá tanto na escolha do tema aqui trabalhado e sua referência à Revista Memórias LGBTQIA+, bem como tornar essa elaboração transparente e uma parte comunitária, uma vez que me faço aberto a críticas e apontamentos pelos leitores futuros.

⁵ Disponível em: < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 01 de out. de 2024.

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Referências bibliográficas

- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos Humanos: estratégias de superação de fobias à diversidade sexual no Brasil. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 132-146, maio de 2017.
- BAPTISTA, Jean. Entre o arco e o cesto: notas Queer sobre indígenas heterocentros nos museus e na Museologia. Cadernos De Sociomuseologia, v. 61, p. 43-65, 2021.
- BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony; ESCOBAR, Geanine Vargas; TEDESCO, Caio de Souza; QUINTILIANO, Marta; RIBEIRO, Lucas. Sexualidade, gênero, raça e classe no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram): por uma guinada queer interseccional e decolonial (texto base para o dossiê “Memória, Museologia LGBTQIA+ e Museus Nacionais”). *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 57, p. 1-20, 2023.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; PRIMO, Judite. Apresentação: Corpos e Dissidências nos Museus e na Museologia. Cadernos De Sociomuseologia, v. 61, 2021.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; WICHERS, Camila Moraes. Existe uma Museologia LGBT?. Museologia LGBT: Cartografia das Memórias LGBTQI+ em Acervos, Arquivos, Patrimônios, Monumentos e Museus Transgressores. Rio de Janeiro. 2020. Editora Metanoia. No Prelo.
- BAPTISTA, Jean T.; BOITA, Tony Willian; WICHERS, Camila A. de Moraes. LGBT Memory Project: A ‘Queer of Colour Critique’ Approach in Latin America and Caribbean Museums, *Museum International*, 72:3-4, 188-199. 2021.
- BOITA, Tony W. LGBTFOBIA Museológica: algumas reflexões sobre as estratégias simbólicas utilizadas nos museus para invisibilizar pessoas LGBT. Ventilando Acervos, v. 1, p. 104-115, 2020.
- BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean. Apresentação: sobre a decolonização do pacto LGBTQIAfóbico nos museus e na Museologia do Brasil. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 57, p. 1-3, 2023.
- BERNARDO, Débora Giselli; ROCHA, Alessandro Santos da. Pesquisa bibliográfica: entre conceitos e fazeres. Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas. Maringá (PR): Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*. Belo Horizonte. Vol. 5. no. 11. p. 121-136. Maio/Agosto 2011.

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015-2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

BRITTO, Clovis Carvalho; MACHADO, Rafael dos Santos. Informação e Patrimônio Cultural LGBT: As Mobilizações em torno da patrimonialização da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. *Encontros Bibli. Florianópolis*, v. 25, p. 01-21, 2020.

BUCKLAND, B. M. What kind of science can information science be? *JASIST*, v. 63, n. 1, p.1-7 Jan, 2012.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPUZANO, Giuseppe. “Recuperação das histórias travestis”. *Questões de Sexualidade: Ensaios transculturais*. Organizadoras Andrea Cornwall e Susie Jolly. Rio de Janeiro, ABIA, 2008.

CAPURRO, Rafael. V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Belo Horizonte (Brasil) 10 de novembro de 2003. Tradução de Ana Maria Rezende Cabral, Eduardo Wense Dias, Isis Paim, Ligia Maria Moreira Dumont, Marta Pinheiro Aun e Mônica Erichsen Nassif Borges. 2003.

CARVALHO, Rachel de; SILVA, Michelly Dias da; SOUZA, Marcela Tavares de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*. 2010; 8(1 Pt 1):102-6.

CHAVES, Julio César. “El Olvido Está Lleno De Memoria”: Fragmentos, Soterramentos e Ausências da Mítica Mesa-Redonda de Santiago do Chile, 1972. 514. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociomuseologia, Universidade Lusófona. Lisboa. 2024.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 7, n. 12, 2002, pp. 171-188.

FREITAS, Gabriel Andrade de. Museologias indisciplinadas e tendências de pesquisa: repercussões da temática LGBT no Seminário Brasileiro de Museologia. In: Congresso de Iniciação Científica da Unb e Congresso de Iniciação Científica do DF 27o CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNB E 18o DO DF, 2021.

FREITAS, Gabriel Andrade de. Revista Memória LGBT: Museologias dissidentes e memórias corporificadas. In: 26o Congresso de Iniciação Científica da UnB e do 17o Congresso de Iniciação Científica do DF, 2020, Brasília. 26o CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNB E 17o DO DF, 2020.

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

FREITAS, Gabriel Andrade de. Rede LGBT de Memória e Museologia Social: Análise das repercussões no campo da Museologia no Brasil (2012-2022). Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Museologia) – Universidade de Brasília, 2023.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

GARCIA, Clara Cristina. Breve História do Feminismo no Brasil. SP: Claridade, 2015.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas. 2008.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Org: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

LAURETIS, Teresa. de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Rocco, p.206-242.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. “ O conceito de museu comunitário : história vivida ou memória para transformar a história?”. Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, Kansas City, Missouri, 6-10 outubro, 2004.

MATA, Marta Leal da; NASCIMENTO, Marcela Aguiar da Silva. O comportamento informacional e a competência em informação: uma abordagem a partir do contexto das pessoas trans e travestis. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 01-19, 2021.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, jan/dez, 1994.

NAVARRO-SWAIN, Tania. O Que é Lesbianismo? Coleção Primeiros Passos, 1a. ed, SP: Brasiliense, 2000.

PRECIADO, Paul B. Manifesto Contrassexual. São Paulo. N-1 edições, 2017.

Museus, Exposições e Patrimônios LGBTQIA+: Revisão integrativa das teses e dissertações na área de Comunicação, Informação e Museologia no Brasil (2015- 2024)

GABRIEL ANDRADE DE FREITAS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

PRIOSTI, Odalice; VARINE, Hugues de. O novo museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários. *Cadernos de Museologia* n. 28. 2007.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* (11) 1998: pp.89-98.

ROCHA, Carin Cunha; PINTO, Virgínia Bentes; DAVID, Priscila Barros. Arquitetura da informação: revisão integrativa em bases de dados de ciência da informação. *Inf. Inf.* Londrina, v. 25, n. 2, p. 49 – 73, abr./jun. 2020.

SILVA, Laelson Felipe da; CÔRTEZ, Gisele Rocha; OLIVEIRA, Henri Poncio Cruz de. A diversidade nos estudos de práticas informacionais: possibilidades teórico-conceituais para abordagem de sujeitos LGBTQI+. *Do invisível ao visível: saberes e fazeres das questões LGBTQIA+ na Ciência da Informação*. Florianópolis – SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019.

SILVA, V. B. da; FERNANDES, J. da S. G. Biblioterapia no Brasil: revisão integrativa de literatura de 2019 a 2021. *Revista ACB*, [S. l.], v. 28, n. 4, p. 1–19, 2023

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro. In: BEDIN, Gilmar Antonio; CITTADINO, Gisele Guimarães; ARAÚJO, Florivaldo Dutra de (Org.) *Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito*. Florianópolis: CONPEDI, 2015.

VARGAS ESCOBAR, G. Por uma Museologia Lésbica Negra. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 61, n. 17, p. 5-41, 29 Abr. 2021.

VARINE, Hugues de. “O museu comunitário é herético?”. *Jornal Quarteirão* - no. 67. Rio de Janeiro. Maio/Junho 2006.